

# Dor ignorada

O mito da força negra não é apenas emocional ou social, ele é mortal. Na saúde, especialmente no parto, mulheres negras têm a dor minimizada, recebem menos analgesia e são menos ouvidas. Isso contribui significativamente para a maior mortalidade materna entre mulheres negras no Brasil. É a versão mais brutal do “agente calada”.

A ministra da Igualdade Racial, Anielle Franco, reforça que romper com o estigma da mulher negra forte exige presença política e políticas públicas que enfrentem diretamente as raízes do racismo estrutural. Para ela, esse é um processo que só avança quando o Estado assume seu papel na reconstrução do imaginário social. “As políticas e iniciativas do MIR buscam, dessa forma, trazer dignidade para toda população negra”, afirma, destacando ações que vão do combate à violência política de gênero ao incentivo a empreendimentos liderados por mulheres negras, passando pela inclusão de quilombolas, indígenas, ciganas e mulheres com deficiência no mercado de trabalho.

Na saúde, Anielle ressalta que a centralidade está na escuta e na reformulação de protocolos que acolham necessidades específicas, como políticas clínicas para que considerem raça e gênero no pré-natal e no parto, articuladas à formação contínua de profissionais, ao uso do quesito raça/cor em todos os sistemas e ao enfrentamento da violência obstétrica. “O racismo adocece”, diz, defendendo que reconhecer a vulnerabilidade das mulheres negras é garantir dignidade no cuidado, físico, mental e emocional.

Ao abordar como essa discussão atravessa também sua vida pessoal e política, Anielle explica que a cobrança por força constante é um peso histórico que tenta ressignificar em compromisso coletivo. “Ninguém precisa ser forte todo o tempo. Eu mesma vivo aqui esse desafio de comandar a pasta da Igualdade Racial, um espaço que é muito potente, mas que abre portas para muitas violências. Para mim, é importante pensar que preciso ter a chance de me construir enquanto pessoa especialmente porque tenho duas filhas, quero que elas me vejam rindo, chorando, vivendo de verdade. É sobre a oportunidade de existir em plenitude, esse é um direito das mulheres negras e de todas as pessoas”, destaca.

**“Ninguém precisa ser forte todo o tempo. Eu mesma vivo aqui esse desafio de comandar a pasta da Igualdade Racial, um espaço que é muito potente, mas que abre portas para muitas violências”**

Anielle Franco,  
ministra da Igualdade Racial



Divulgação/Lela Bettrão